

MÃE, Valter Hugo. *Deus na escuridão*. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2024. 240p.

Rodrigo Felipe Veloso

Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes) | Montes Claros | MG | BR
rodrigof_veloso@yahoo.com.br
<https://orcid.org/0000-0001-7840-584X>

Valter Hugo Mãe, em *Deus na escuridão* (2024), retorna à sua vertente mais poética e meditativa, compondo uma narrativa que, ao mesmo tempo em que se ancora numa paisagem concreta, a Ilha da Madeira, com suas encostas abruptas, o isolamento do Buraco da Caldeira e a clausura imposta pelo território insular, eleva-se à condição de parábola universal sobre amor, fé e fragilidade humana. Ao acompanhar a vida de Felicíssimo e Pouquinho, irmãos unidos por uma devoção que ultrapassa os limites do costumeiro e se aproxima do divino, o autor prolonga uma tetralogia de afetos e insularidades iniciada com *A desumanização* (2014), passando por *Homens imprudentemente poéticos* (2016) e *As doenças do Brasil* (2021).

O prefácio de Rodrigo Amarante ilumina essa dimensão, descrevendo *Deus na escuridão* como uma obra mais próxima de um feitiço do que de uma narrativa tradicional. O músico afirma que forma e conteúdo se confundem, criando uma linguagem que parece preceder a própria língua, como se surgisse de um sonho, bem como a voz de Paulinho, Felicíssimo dos Pardieiros, não é apenas uma construção literária, mas a depuração do que Mãe vinha buscando ao longo de sua trajetória: a expressão de um amor imenso, maior que qualquer palavra, transbordante, como o das mães e como o de Deus. Logo, o romance é como um “espelho poético” capaz de devolver ao leitor suas fragilidades, vulnerabilidades diante do amor e o medo de ser amado e, sobretudo, afirmar que literatura e vida se entrelaçam.

O enredo é, em sua essência, simples. Felicíssimo, narrador e protagonista, assume desde a infância a responsabilidade de cuidar do irmão mais novo, Pouquinho, nascido “sem origens”, ou seja, sem órgão sexual, condição que provoca estigma, chacota e marginalização na comunidade. Para os vizinhos, a diferença é motivo de vergonha; para Felicíssimo, é milagre. Ele vê no irmão um ser sagrado, “um pedacinho de Deus”, cuja fragilidade legitima a própria existência do narrador. Essa devoção radical, que poderia ser lida como sacrifício ou abnegação, apresenta-se como gesto espontâneo de amor. Mais que obrigação, cuidar de Pouquinho é a razão de viver de Felicíssimo.

O estilo de Mãe atinge neste romance maturidade singular. A sintaxe em minúsculas, o ritmo cadenciado, as repetições significativas e o caráter quase aforístico das frases criam efeito de encantamento que aproxima o texto da oração. Felicíssimo não narra feitos grandiosos, mas rememora instantes mínimos, interpreta gestos banais que se abrem para o infinito. O tempo narrativo é lento, circular e meditativo, como a vida no Buraco da Caldeira, em que cada dia parece repetir o anterior, mas cada gesto de amor é irrepetível. Essa escolha estilís-



tica intensifica a dimensão espiritual do romance, cuja leitura se assemelha mais a acompanhamento de uma prece do que à busca de um clímax.

A metáfora central da obra, a escuridão, cumpre papel decisivo. Deus não é a luz que dissipa todas as sombras, mas a presença que acompanha na penumbra. Amar é sempre arriscar-se às cegas, sem garantias, na obscuridade da incerteza. Felicíssimo permanece fiel ao irmão sem saber se esse cuidado terá sentido além da devoção própria. Essa teologia da escuridão, mais próxima da experiência existencial e estética do que de qualquer dogma, sugere que a fé se pratica no risco, na confiança no invisível, na permanência mesmo quando a luz não chega. Em passagens como “Deus está na escuridão, e tateia por toda a parte na vontade intensa de um toque” (Mãe, 2024, p. 125), a narrativa traduz essa concepção em imagens de delicadeza comovente.

O romance não trata de espiritualidade abstrata. A Ilha da Madeira não é mero cenário, mas força ativa que modela destinos. O isolamento da comunidade, os abismos, o mar sempre visível e nunca atravessado e as casas incrustadas nas encostas contribuem para sensação de clausura e fatalidade. Ser ilhéu significa viver em um lugar onde todos se conhecem e tudo se sabe e nada se perdoa. O espaço, ao mesmo tempo opressor e mítico, traduz a condição existencial dos personagens: confinados a limites estreitos, mas abertos à transcendência pelo afeto. O oceano, sobretudo, cumpre função simbólica. Para Felicíssimo, é horizonte inalcançável, promessa de liberdade e lembrança de aprisionamento. Observando o mar diariamente, sonha com outros destinos, mas permanece fiel ao irmão. Assim, o mar se torna metáfora da dualidade entre desejo e renúncia, beleza e prisão, horizonte e barreira.

A narrativa, dividida em duas partes, acompanha a infância e juventude dos irmãos, quando se constrói a fé no valor da diferença, e, posteriormente, um salto de vinte anos, quando Felicíssimo percebe ter permanecido enquanto os amigos partiram. Essa estrutura temporal acentua a ambivalência do amor fraterno: ele é graça e condenação, bênção e prisão. O narrador reconhece que, por amar, renunciou a outras possibilidades. Essa tensão entre plenitude e limite traduz com intensidade a experiência do cuidado como escolha radical.

No centro do romance está a concepção de Deus como mãe. “Deus é exactamente como as mães. Liberta Seus filhos e haverá de buscá-los eternamente” (Mãe, 2024, p. 125). A imagem desloca a concepção tradicional do divino, associando-o não à onipotência distante, mas ao cuidado vigilante, ao amor constante, à dedicação inesgotável. Deus, como a mãe, nunca desiste dos filhos, acompanha-os mesmo na ausência, protege mesmo no fracasso. Essa teologia maternal inscreve o romance em tradição que valoriza o cuidado como dimensão sagrada. Felicíssimo, ao cuidar do irmão, age como Deus, age como mãe.

Essa concepção dialoga com a ética da alteridade de Emmanuel Lévinas (2008), que sustenta que o eu é responsável pelo outro sem esperar reciprocidade, mesmo que seja o estrangeiro, o viúvo ou o órfão. A responsabilidade é anterior a qualquer escolha racional; a atitude de Felicíssimo traduz literariamente esse princípio: ele cuida do irmão não por obrigação social ou recompensa, mas porque a própria existência de Pouquinho convoca a esse cuidado. O amor fraterno, assim, assume dimensão divina, revelando a vulnerabilidade como chamado e a resposta como gesto incondicional.

Contudo, a espiritualidade não anula a dureza da vida. O romance não omite pobreza, fome e exclusão social. Pelo contrário, é nesse contexto que a transcendência se manifesta com maior força. Casas pobres, quando habitadas por mulheres, “superam muito a pobreza ou fintam a beleza com a ternura” (Mãe, 2024, p. 67). A figura feminina aparece como sus-

tentáculo da vida, força de resistência, santidade cotidiana. Personagens como Luisinha do Guerra ou a mãe dos irmãos exemplificam esse papel. A maternidade, mesmo em condições adversas, é lugar de resiliência. Em contraponto, a comunidade hostil ridiculariza Pouquinho, chamando-o de “porco”, evidenciando a hipocrisia social que marginaliza o diferente. O romance equilibra, assim, lirismo e crítica, espiritualidade e denúncia, ternura e violência.

A linguagem poética de Valter Hugo Mãe merece destaque. Mais do que narrar, ele cria imagens que condensam filosofia e emoção. Frases como “quando nasce uma cria, há um planeta com seu nome onde só sua mãe habita” (Mãe, 2024, p. 26) ou “amamos mais quem vemos em perigo” (Mãe, 2024, p. 32) demonstram habilidade em transformar afeto em aforismo. O texto aproxima-se de evangelho dos que sofrem, cântico dos marginalizados, liturgia da diferença. Nessa escrita, forma e conteúdo se entrelaçam, e a estética torna-se ética.

Felicíssimo, narrador que se assume nêscio, revela, paradoxalmente, sabedoria essencial. Sua voz simples é também a voz de quem intui o fundamental. Narrar é resistir, dar testemunho, inscrever na memória uma vida que o mundo deseja apagar. Ao dar voz a esse narrador, Valter Hugo Mãe devolve dignidade aos marginalizados, transformando literatura em política da memória.

A metáfora da escuridão sintetiza essas dimensões. É limite, ausência de garantias, espaço da dúvida, mas também lugar do amor. O Deus da escuridão não ilumina para eliminar incertezas, mas acompanha na penumbra. A narrativa aproxima-se de filosofia da esperança: mesmo na noite mais densa, o amor cria sentido. Felicíssimo, limitado e solitário, encontra plenitude nesse amor que se exerce sem luz.

Deus na escuridão é, portanto, mais que a história de dois irmãos. É manifesto sobre a humanidade e afirmação de que amar, mesmo quando implica renúncia, é gesto divino. É tributo às mães, às mulheres, aos pobres, aos diferentes, a todos que sustentam a vida nas margens. Felicíssimo e Pouquinho mostram que a transcendência não está nas alturas, mas na terra dura cultivada com ternura, na fidelidade silenciosa e na coragem de permanecer. É nesse gesto simples e radical que o romance encontra sua verdade: mesmo sem luz, o amor é divino.

Referências

AMARANTE, Rodrigo. Prefácios. In: MÃE, Valter Hugo. *Deus na escuridão*. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2024. p. 9-10.

LÉVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Tradução de José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2008.

MÃE, Valter Hugo. *Deus na escuridão*. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2024.